

# A MEMÓRIA-AFETIVA EM *LA NOVELA DE MI PADRE*: CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES FAMILIARES NA LITERATURA CUBANA

Antonio Martínez Nodal  
Adriana de Borges Gomes

**Resumo:** Este artigo apresenta a análise da obra *La novela de mi padre* (2017), de Eliseo Alberto (1951-2011), jornalista, romancista e um dos principais narradores latino-americanos contemporâneos. Pretendemos mostrar como esse romance é constituído por alguns memoriais do entorno filial, que abarcam a irmã de Alberto, a escritora infanto-juvenil Josefina de Diego (1951), e seus tios, os poetas Cintio Vitier (1921-2009) e Fina Garcia Marruz (1923). Buscaremos sublinhar os paralelismos entre a vida e obra do autor, enfatizando a relação com seu pai, Eliseo Diego (1920-1994), um dos maiores mestres da poesia cubana, expoente literário e pessoal tão significativo que mediatizou o exercício narrativo-vivencial de Alberto. Tendo por base o texto multifacetado de análise, tentaremos demarcar o papel essencial da lembrança sentimental em Alberto, elucidando o vínculo entre sua escrita e seu núcleo literário filial. O poder imagético do texto de estudo esboça variados intercâmbios textuais que fazem parte tanto de um contexto afetivo-familiar reconhecível do qual decorrem múltiplas possibilidades expressivas. As considerações sobre a memória e o olhar autobiográfico desenvolvidas na atual investigação serão fundamentadas, principalmente, no pensamento de Bachelard (1993) Halbwachs (1990, 2004), Weimer (2008) e Arfuch (2013, 2014, 2016). Observamos que as construções e desconstruções afetivas de Eliseo Alberto definem suas bases ideológicas e revelam, ao mesmo tempo, um dos conjuntos familiares literários mais significativos de Cuba até hoje.

**Palavras-Chave:** *La novela de mi padre*. Memória afetiva. Autobiografia. Literatura cubana.

## AFFECTIVE MEMORY IN *LA NOVELA DE MI PADRE*: FAMILIAL CONSTRUCTIONS AND DECONSTRUCTIONS IN CUBAN LITERATURE

**Abstract:** This article is an analysis of the book *La novela de mi padre* (2017), by Eliseo Alberto (1951-2011), a journalist, romanticist and one of the primary contemporary Latin-American narrators. We will demonstrate how this novel is formed around certain filial memories, which includes Alberto's sister, the children's author, Josefina de Diego (1951), and his uncles, the poets Cintio Vitier (1921-2009) and Fina Garcia Marruz (1923). We will underline the parallels between life and the author's text, emphasizing the relationship with his dad, Eliseo Diego (1920-1994), one of the best teachers of Cuban poetry, a literary

exponent and individual so significant that popularized the exercise of experiential narration of Alberto. Using this multifaceted text of analysis as a base, we will delineate the essential role of the sentimental memory of Alberto, elucidating the bond between his writing and his literary filial nucleus. The power of imagery in the text of the study outlines various textual exchanges that are part of the recognizable familial-affective context, which results in multiple expressive possibilities. The considerations regarding memory and the autobiographic gaze developed in the actual investigations will be fundamental, especially, in Bachelard (1993), Halbwachs (1990, 2004), Weimer (2008) and Arfuch's thinking (2013, 2014, 2016). We observe that Eliseo Alberto's affective constructions and deconstructions define his ideological bases and simultaneously reveal, one of the most important literary familial conjunctions in Cuba until today.

**Keywords:** La novela de mi padre. Affective memory. Autobiography. Cuban Literature.

## Introdução

Ainda que tenha crescido à sombra do venerado pai, sobretudo a partir de seu autoexílio no México em 1988, Eliseo Alberto converteu-se num dos narradores mais importantes da literatura cubana com a publicação, em 1996, de seu livro-testemunho referencial de memórias, *Informe contra mí mismo*, profundamente crítico com o sistema revolucionário cubano. A publicação desse manuscrito provocaria seu afastamento permanente da ilha e de sua família e amigos. Com isso, rompem-se os laços afetivos e culturais basilares de Alberto, responsáveis por impulsionar uma produção literária copiosa com diversas narrativas de si e crônicas em primeira pessoa, que trazem à cena as figuras que erigem sua arquitetura literária e emocional como homem e criador fraturado geograficamente, cujos laços afetivos são mantidos por meio da escrita. Nos territórios vivenciais de seus livros, produzidos no exílio, surgiram as paisagens, as 'gentes', a mitologia popular e as raízes miscigenadas de uma representação de Cuba sempre muito palpável.

Paralelamente à sua carreira literária, o autor cubano também atuou como jornalista de opinião e crítico de cinema, sendo chefe de redação

de importantes gazetas literárias como o *Caiman barbudo*<sup>1</sup>. Manteve uma longa e profunda amizade com o Prêmio Nobel Gabriel García Márquez (1927-2014) que, de certa maneira, pode ser considerado seu padrinho literário, sobretudo a partir de 1975, data em que o célebre escritor colombiano visitou a casa familiar de Eliseo Diego, o pai de Alberto, devido à sua admiração pela obra do poeta cubano.

A formação acadêmica eclética de Alberto, a atuação como jornalista, os cursos sobre cinema e a prática ficcional influíram enormemente na fusão expressiva de seus artigos, crônicas, ensaios e romances. Seus textos se caracterizam por distintos usos de linguagem, que abarcam episódios históricos-políticos, a narração autobiográfica e epistolar, a memória fragmentária e a ficcionalidade de grande força testemunhal, sempre repleta de imagens e símbolos de Cuba e uma recuperação do patrimônio literário autóctone por meio de muitas de suas obras, sempre evocadoras e delineadas em perfeito equilíbrio entre o cotidiano e o fantástico.

### **Duas mortes e um romance: *La novela de mi padre***

*La novela de mi padre* é a obra póstuma e inédita de Alberto, já que foi publicada vários anos depois de sua morte em 2011 e do inesperado falecimento de seu pai, Eliseo Diego, em 1994. Consideramos esse romance duplamente póstumo, pois o germe inicial do manuscrito teve sua base argumentativa nas páginas ocultas das primeiras memórias do pai, Eliseo Diego. Constitui, nesse sentido, uma configuração narrativa inaudita do livro publicado após da morte de ambos os autores cubanos. O referido documento contém abundantes elementos autobiográficos, dos quais resulta um exercício de narratividade arriscado, emotivo e híbrido, além de ser um registro legítimo devido ao uso da herança textual reelaborada pelo filho-narrador que nos traz de volta a figura de seu pai, o poeta/ autor desse arquivo

---

<sup>1</sup> *El Caimán Barbudo* é uma revista cubana, nascida em 1966 como suplemento semanal do diário *Juventud Rebelde*, de caráter artístico-literária, com ênfase no pensamento e na reflexão sobre a realidade cubana, os números iniciais contaram com a participação de um grupo de destacados jovens intelectuais, identificados como a “Primera Generación de Escritores de la Revolución cubana”.

inconcluso em primeira pessoa. Mediante essas memórias a duas mãos, fecha-se, além do tempo físico e narrativo, um ciclo devocional entre pai e filho, pois nas palavras de Alberto: “Ningún hijo ha extrañado tanto a su padre como mi padre. Ni yo”<sup>2</sup> (2009, p. 11). Assim, este livro se constitui como uma “pirueta literária” – tem a ideia de “jogo literário”, como em Maurice Blanchot ou as relações intertextuais entre obras de pai e filho – singular, posto que o escritor abraça e, igualmente, reimagina a base originária das páginas encontradas nas primeiras memórias de seu pai<sup>3</sup>, intituladas inicialmente *Narración de domingo* e datadas de 1944, e elabora uma continuação ou recriação da história concebida com base no manuscrito inicial.

Alberto decodifica de forma subjetiva as lembranças afetivo-familiares registradas pelo pai, compondo uma homenagem assumida e um desmesurado experimento de escrita afetiva. Ademais, transmuta sua narratividade e reformula a história e as lembranças sentimentais e poéticas do pai, enfatizando os acontecimentos vividos de forma a prestar um tributo à figura do genitor. Nas palavras de Alberto: “Diez años después de la muerte de mi padre, yo volveré a su pueblo abandonado. Lo haré por él, por mamá, por mis hermanos, por mí”<sup>4</sup> (2017, p. 27).

Este texto significa, portanto, um reencontro com a figura paterna e a literatura cubana, nesta ocasião, com foco específico em alguns ilustres membros, também escritores e partícipes do nexos familiar mais próximo, os quais conformaram uma das estirpes literárias de maior representatividade em Cuba ao longo de todo o século XX. Alguns textos memoriais do núcleo familiar contribuirão também para determinar as diferentes relações e conexões intra e extraliterárias de Alberto.

O retorno ao povoado abandonado evidencia um desejo de Eliseo Alberto por uma recuperação de um sentimento de afeto originário por sua família, através de sua nova/outra escrita reflexo da escrita exordial de seu

---

<sup>2</sup> “Nenhum filho sentiu tanto a falta de seu pai quanto meu pai. Nem eu” (Tradução nossa).

<sup>3</sup> O texto foi encontrado por “Fefé”, Josefina de Diego, a irmã gêmea de Eliseo Alberto, após da morte do pai em 1994. *Revista de la Universidad de México*, n. 24, 2006, p. 29-36.

<sup>4</sup> “Dez anos após a morte de meu pai, voltarei para sua aldeia abandonada. Vou fazer isso por ele, pela mãe, pelos meus irmãos, por mim” (Tradução nossa).

pai. É uma retomada do passado (Eliseo Diego) no presente (Eliseo Alberto), com o anseio em reescrever sua história familiar, reatando os laços afetivos em sua escrita espelhada nas memórias paternas. É a simbologia da volta para Casa, num desejo íntimo ou latente do regresso que aflora no lugar de escrituras com sentido de rerepresentar-se, renovar-se, restituir-se e reintegrar-se ao povoado, ao pai, à mãe, aos irmãos e, por fim, a si mesmo. Nesse sentido, vê-se a Casa como valores fenomenológicos da intimidade, do interior, um espaço/ser privilegiado, que fornece “simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens” (BACHELARD, 1993, p. 23).

Gaston Bachelard em seu estudo *A poética do espaço* (1989) discute uma fenomenologia da imaginação para além de uma metafísica da imaginação, porque esta última não tem envergadura como método científico quando se estuda a imagem poética e suas simbologias inovadoras na explosão do “minuto da imagem”, em seu “dinamismo próprio”. Significa dizer que o componente subjetivo opera na composição de imagens pelo resgate das lembranças, pensando nessa narrativa memorial de Eliseo Alberto. Reativar suas memórias sincronizadas por uma revista à escrita de seu pai, tendo como imagem primordial a volta ao povoado sinaliza que o escritor cubano permitiu-se adentrar em suas memórias afetivas mais profundas, na potência imaginativa da volta para Casa como um sinônimo de reencontro com aqueles de sua querença, mas sobretudo uma conciliação consigo mesmo, numa forma de apaziguamento com seu passado roto. Então, a Casa, o povoado, as escritas entrelaçadas ratificam que o acesso ao passado em prol de realinhá-lo deve ser feito através da imaginação, do sonho, do desejo, e, por que não, do devaneio. Nesse sentido Bachelard (1993, p. 24) elucida a Casa como nosso “verdadeiro cosmos”, nosso “primeiro universo”, nosso “canto do mundo”:

[...] todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa. [...]. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. Por conseguinte, todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes. [...]. Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. [...]; somos sempre um pouco poetas, e nossa

emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida. [...], o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. [...]. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. [...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem (BACHELARD, 1993, p. 25-26).

Eliseo Alberto busca sua autovalorização através da reescritura original de seu pai, em sua nova escrita. E, dessa forma, reconhece o valor da memória afetiva compartilhada com sua família, na reintegração com seu passado. A empresa de intertextualizar o texto procedente de seu pai lembra a emoção da poesia perdida citada por Bachelard, na busca pelo restauro das lembranças afetivas, imprimindo-lhes um novo sentido. Essa resignificação de suas memórias realiza-se mesmo na escrita de Eliseo Alberto quando decide retornar ao lar da infância, à Casa como benefício mais precioso, permitindo-se ‘sonhar em paz’, protegido e abrigado, fortalecendo a integração das lembranças afetivas entre racionalidade e sonho: pelo pai, pela mãe, pelos irmãos e por si mesmo.

Além de Eliseo Diego, figura totêmica patriarcal, devemos ressaltar outras ligações poéticas íntimas em *La novela de mi padre*, como por exemplo a recuperação de figuras como seu irmão, o pintor Rapi Diego, sua tia e poetisa Fina García Marruz (1923) e seu tio, o eminente poeta Cintio Vitier (1921-2009). Segundo Alberto, os dois últimos representam alguns dos autores mais significativos das letras em Cuba, descritos em *Informe contra mí mismo*: Marruz, o “corazón abierto, purificador y valiente”<sup>5</sup>, e Vitier, caracterizado como “pulmones, limpios de humos, las vocaciones de la clarificación inteligente de lo confuso”<sup>6</sup>. Estas palavras formam parte de *Informe contra mí mismo*, em que o autor faz uma analogia entre um corpo e a literatura mediante um belo texto em homenagem à literatura cubana, na qual os poetas cubanos representam as partes fundamentais do ser vivo que os

---

<sup>5</sup> “Coração aberto, purificador e corajoso” (Tradução nossa).

<sup>6</sup> “Pulmões, limpos de fumaça, vocações de esclarecimento inteligente do confuso” (Tradução nossa).

acolhe. Para o autor: os diferentes organismos desse corpo humano-literário são: José Lezama Lima, Alejo Carpentier, Eliseo Diego, Nicolás Guillén, Fina García Marruz, Cintio Vitier, Emilio Ballagas, Dulce María Loynaz e Virgilio Piñera (ALBERTO, 2017, p. 167-168). Ambos os autores são, sem dúvida, representantes basilares da poesia cubana no século XX.

Esses vazios apaziguados pelo afeto encerram algumas marcas recursivas no plano emocional que destacam ou enriquecem esta cadeia afetivo-familiar demarcada no romance *La novela de mi padre* e, da qual participam criativamente numerosos membros do tronco familiar. Podemos ressaltar, com particular ênfase, a estreita relação com a irmã *jimagua*<sup>7</sup> de Alberto, a tradutora e também escritora Josefina de Diego, com base em suas memórias de família intituladas *El reino del abuelo* (2012), obra que se funde e invade diretamente a essência de *La novela de mi padre*, em suas passagens miméticas nas narrações da infância. A família, a casa dos Diego (localizada no pequeno povoado cubano Arroyo Naranjos) e a infância de “Lichi”, “Fefé” e “Rapi” (apelidos carinhosos com os quais os três irmãos são conhecidos por todos) são fielmente retratadas. Nesses textos, é possível apreender de que maneira casa da família Diego se configura como primeira memória, o lar idealizado, a semente da existência de qualquer narrador que, de alguma maneira, tenta resgatar ou recriar sua genealogia criadora e afetiva de forma exemplar. Para Arfuch, o lar dos primeiros anos, nesse sentido, representa:

[...] un modo de habitar donde anidan la memoria del cuerpo y las tempranas imágenes que quizá nos sea imposible recuperar y que por eso mismo constituyen una especie de zócalo mítico de la subjetividad. Lugar extático en las fotografías que atesoran instantes singulares, pero a la vez el primer territorio de la exploración, de los itinerarios que definen el movimiento y el ser de los habitantes (2013, p. 28)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> O termo *jimagua* significa nascido no mesmo parto ou gêmeo.

<sup>8</sup> “[...] um modo de habitar onde se aninham a memória do corpo e as imagens primitivas que nos podem ser impossíveis de recuperar e que por isso constituem uma espécie de base mítica da subjetividade. Lugar de êxtase nas fotografias que guardam momentos singulares, mas ao mesmo tempo o primeiro território de exploração, dos itinerários que definem o movimento e o ser dos habitantes” (Tradução nossa).

A interconexão entre *El Reino del abuelo* e *La novela de mi padre* se faz manifesta no intuito comum de trazer novamente alguns momentos específicos do passado vinculados à infância e à juventude de Eliseo Diego, Eliseo Alberto e Josefina De Diego. Nessas obras, são descritos diversos episódios de suas vidas em conjunto com alguns arquétipos harmônicos e inalcançáveis, mas, ao mesmo tempo, de comunhão interior de todos eles. O inventário dos momentos cotidianos se registra na rotina familiar, sendo a Casa, *El reino del abuelo*, a representação ou reduto mágico erigido da memória. “Villa Berta”, a vila do avô asturiano, reabitada pela família Diego, será o território compartilhado, perdido e reencontrado, que ocupa um lugar predominante nos dois romances. Porém, esse entorno já não existe, agora se trata de um constructo imaginário e emocional ao qual precisam voltar seus artífices, de modo a percorrê-lo em profundidade, mais uma vez juntos. Transforma-se assim as duas narrativas em reinos confessos da evocação e da fantasia, que misturam as luzes intermitentes do passado com base num plano real sublimado ou superdimensionado:

Era como el anuncio de lo irreparable, de lo inapresable, de lo que ya no sería más. Era como la certeza de la felicidad, la convicción del sosiego, la posibilidad del encuentro, el eco de nuestros juegos. Era como el rumor solitario del mar, el temblor amoroso de las hojas, la nostalgia de nuestros sueños (DE DIEGO, 2012, p. 13)<sup>9</sup>.

Nessa última construção reminescente textual, abre-se outra ponte memorial alternativa ao se encontrar erigida no plano sentimental do poeta com foco nas origens de Alberto e da família De Diego, na residência infantil, entre 1953 e 1968.

---

<sup>9</sup> “Era como o anúncio do irreparável, do indizível, do que não seria mais. Era como a certeza da felicidade, a convicção da calma, a possibilidade de nos encontrarmos, o eco das nossas brincadeiras. Era como o som solitário do mar, o tremor amoroso das folhas, a saudade dos nossos sonhos” (Tradução nossa).



Como a própria autora aponta, as portas familiares se abrem e o texto serve como uma declaração de amor simples e tangível. E, da mesma maneira que Alberto, De Diego registra em seu livro os nomes que compõem o círculo afetivo filial: familiares, amigos e renomeados escritores (*Ibid*, p. 64). Por exemplo, muitos dos visitantes dominicais assíduos ao contexto familiar e moradores legítimos dessa memória afetivo-literária, além dos já citados, foram escritores, músicos e pintores integrantes do exclusivo “Grupo Orígenes”<sup>10</sup>.

A descrição dos detalhes cotidianos desse tempo de felicidade reflete-se num tempo de descobertas e contemplação vinculada a um período de alegria e jogos. Para Arfuch, essa translação emotiva mostra que:

Infancia y memoria parece así enlazarse en una relación particular, donde la imagen evocada se plasma en el presente de la enunciación trayendo consigo una carga afectiva que lo transfigura: como toda memoria, es siempre presente. Y ese volver sobre la infancia no es inocuo, hay allí una búsqueda de sentidos que se enfrenta a menudo con imágenes de contorno incierto [...] vacilaciones que confirman, una vez más, que nuestra vida no nos pertenece por entero y que nuestra historia, sobre todo en esa primeridad de la existencia, se entrama en la mirada y la palabra de los otros (2016, p. 546)<sup>11</sup>.

Ao mesmo tempo, pode-se supor que tais obras tendem a incitar a projeção do leitor, pois, lendo os espaços fundacionais dos outros, também tentamos voltar a um passado quimérico para mitigar um presente de frustrações ou impossibilidades na idade adulta. Com isso, buscamos vislumbrar nos primeiros passos e na inocência, outro olhar para reconhecer-

---

<sup>10</sup> *Orígenes* foi uma das revistas literárias latino-americanas mais importantes do século passado, publicada em Cuba por José Lezama Lima e José Rodríguez Feo entre 1944 y 1956.

<sup>11</sup> “Infância e memória parecem, assim, estar ligadas em uma relação particular, onde a imagem evocada se reflete no presente da enunciação, trazendo consigo uma carga afetiva que a transfigura: como toda memória, ela está sempre presente. E este regresso à infância não é inócua, há uma procura de sentidos que muitas vezes se depara com imagens de contornos incertos [...] hesitações que confirmam, mais uma vez, que a nossa vida não nos pertence inteiramente e que a nossa história, sobretudo em aquela primeira existência, ela é tecida no olhar e nas palavras dos outros” (Tradução nossa).

nos entre páginas nas quais começam outras vidas, sonhadas e divididas da mesma maneira que as nossas.

### Trajetos memoriais e geográficos do afeto

*La novela e mi padre* atravessa diretamente o fluxo vital e o pensamento de Alberto. Isso porque, um dos caracteres capitais dessa obra é o componente emocional implícito na escrita de um “eu” reelaborado que se desenvolve no campo da subjetividade posto que a imagem reverenciada e idealizada do pai tem o risco de edulcorar algumas passagens do discurso. Disso resulta uma radiografia do afeto, tanto interior quanto exterior, ao ser concebida na forçosa expatriação do escritor. Há ainda um impulso muito pessoal do criador, marcado pela restauração da história remota familiar que se traduz no vaivém de recordações ininterruptas dentro de sua narratividade libertada, nos gêneros inseridos no romance, nos componentes apaixonados e sem complexos da escrita e na estrutura peculiar do texto.

Seguindo a linha de pensamento Ludmer (2010, p. 151) em um dos postulados que definem as literaturas pós-autônomas, a realidade é ficção e a ficção é realidade, assim como acontece no romance examinado. O livro de Alberto, um texto simples em aparência, mas, de complexo desvendamento, inclui elementos tanto memoriais como confessionais<sup>12</sup> e epistolares. Com isso, transforma-se num entreamado enunciativo de texturas de grande densidade que oferece estruturas textuais deslocadas entre o espaço geográfico (exterior) e o afetivo (interior), miscigenadas em sua expressividade e na ordem textual escolhida no texto, mas, imanentes na realidade do autor e com grande força sensitiva,

Porque estas escrituras diaspóricas no solo atraviesan la frontera de “la literatura” sino también de “la ficción”, y quedan afuera-adentro de las dos fronteras. Y esto ocurre porque reformulan la categoría de realidad: no se las puede leer como mero realismo, en relaciones referenciales o verosimilizantes. Toman la forma del

---

<sup>12</sup> Ver ZAMBRANO, 2004.

testimonio, la autobiografía, el reportaje periodístico, la crónica, el diario íntimo, y hasta la etnografía [...] Fabrican presente con la realidad cotidiana y esa es una de sus políticas (LUDMER, 2010, p. 151)<sup>13</sup>.

No caso do romance *La novela de mi padre*, existem tecidos narrativos desiguais, crônicas filiais e um diário íntimo redigido em primeira e terceira pessoa, pois Alberto atua como observador-narrador e, igualmente, partícipe da história que nos relata. A esta conjunção de gêneros num só livro poderíamos acrescentar a diversidade temática e de sentidos suscitados pelo texto base, em que coabitam o amor à literatura e uma poderosa reconstrução memorial familiar sob uma declarada admiração paterno-filial.

A memória afetiva flui naturalmente, entrelaçada aos componentes genealógicos de Alberto e algumas eminentes vozes literárias cubanas que percorrem seus textos, inseridas num contexto histórico pessoal reconhecível ou em luta constante com uma ilusão alterada que produz uma representação de Cuba idolatrada do passado, de melancolia, de perda. A lembrança constante de “Vila Berta”, fazenda familiar e território de grandes encontros com vozes eminentes de Cuba, como a de José Lezama Lima (1910-1976), facilitam uma viagem literária pela vida e obra de Eliseo Diego por meio da escrita de seu filho, Eliseo Alberto. Cria-se assim uma representação minuciosa do contexto familiar e das amizades, os dois hemisférios emocionais que participam desse entorno filial. E, como Halbwachs aponta:

Então nascem as lembranças, compreendidas em dois quadros de pensamentos que são comuns aos membros dos dois grupos. Para reconhecer uma lembrança desse gênero, é preciso fazer parte ao mesmo tempo de um e de outro [...] Um quadro não pode produzir totalmente sozinho uma lembrança precisa e pitoresca. Porém, aqui, o quadro está repleto de reflexões pessoais, de lembranças familiares, e a lembrança é uma imagem

---

<sup>13</sup> “Porque esses escritos diaspóricos não apenas cruzam a fronteira da “literatura”, mas também da “ficção”, e permanecem fora-dentro das duas fronteiras. E isso porque reformulam a categoria de realidade: não podem ser lidos como mero realismo, em relações referenciais ou plausíveis. Tomam a forma de depoimento, de autobiografia, de reportagem jornalística, de crônica, de diário íntimo e até de etnografia [...] se atualizam com o cotidiano e essa é uma de suas políticas” (Tradução nossa).

engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado (1990, p. 46-73).

O escritor extrapola detalhes minuciosos do passado em Cuba e de seu entorno mais íntimo, criando um universo particular de profundas significações que abrange latitudes histórico-afetivas. Nessa memória, estabelecem-se pontes angulares que nos permitem transitar da memória individual para a coletiva da ilha, e da historiografia oculta até os poetas mitificados dentro e fora de Cuba. Ao longo do trajeto narrativo, desenvolve-se uma conversa pessoal, uma lembrança repetida dos fiéis aliados narrativos e existenciais do narrador-poeta Alberto.

Essa confluência e necessidade de ambas as memórias, da lembrança conjunta e do sujeito único no contexto social que o identifica como artífice de histórias conexas, foram determinadas por Halbwachs, pois “Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (HALBAWCHS, 1990, p. 34).

O universo individual de Alberto é parte de dois universos identitários, o filial e o de Cuba, sendo estas interconexões reproduzidas e/ou alteradas na translação do passado que invoca e rejeita com efusão o autor, presentes em muitas das recordações do poeta, sinais da fragmentação das narrativas de Alberto. Nas palavras de Benjamin (2009, p. 95): “[...] ainda que oculto ou fragmentado, na vida está presente sob a forma do próprio simbolizado, nas criações da linguagem que habita apenas sob forma simbolizante”. Em *La novela de mi padre*, pode-se entender o símbolo e o objeto dessas transmutações inauditas do texto a figura de Eliseo Diego, ao passo que Alberto, o libertador ou transformador da palavra, narra biografando a seu pai, autobiografando-se e fazendo uso de gêneros particulares e muito pessoais como as já citadas correspondências apaixonadas de seus pais. Desse modo, “a história no es de Alberto, sino de sus participantes” (WEIMER, 2008, p. 108)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> “a história não é de Alberto, senão de seus participantes” (WEIMER, 2008, p. 108).

Além da prática escrita expansiva, encontramos-nos com um exercício reiterado de nostalgia, que termina se erigindo como o sentimento predominante numa narrativa de intensidade emocional máxima. Dessa forma, o texto abrange horizontes afetivo-filiais referenciais que são evocados num território diaspórico que o afasta e o aproxima de forma intermitente do centro familiar, mediante essas caligrafias do apego.

Es decir, la nostalgia puede servir como el modo de revisión de las relaciones del pasado. La nostalgia motiva la creación de nuevas comunidades en la diáspora, porque aquello que las unifica se ha dejado atrás. Es siempre en relación con el pasado, o con el otro que vivió el pasado, con los que las diásporas identifican como su punto en común (WEIMER, 2008, p. 111)<sup>15</sup>.

Esses movimentos dicotômicos do pensamento, que significou a migração de 80.000 cubanos para o México D.F, desloca o espírito e as conexões afetivas de Eliseo Alberto, o qual se traslada às manifestações literárias criativas da diáspora cubana<sup>16</sup>. O México será escolhido como país de residência definitiva ou escala territorial para transitar até outros países limítrofes por vários autores cubanos dissidentes, de modo que este movimento migratório colaborou significativamente na formação de um hibridismo fora e dentro da nação, fora e dentro da ficção, numa pulsão evocativa permanente. Assim mesmo, em Alberto há uma procura iterada de sua identidade mediante uma prática textual autobiográfica no país de destino, o que provoca uma confluência, um diálogo entre sua origem com um presente indeterminado, nessa tentativa de reviver, ecoar o passado familiar. Nesse sentido, “La identidad diaspórica es una que se basa en la relación con

---

<sup>15</sup> “Ou seja, a nostalgia pode servir como uma forma de rever relacionamentos passados. A saudade motiva a criação de novas comunidades na diáspora, porque o que as unifica ficou para trás. É sempre em relação ao passado, ou ao outro que o viveu, com o qual as diásporas se identificam como seu ponto comum” (Tradução nossa).

<sup>16</sup> “[...] houve uma emigração distinta. A diferença dos que rompiam com seu passado para se enfrentar ao regime, outros emigraram sem romper seus laços com ele: Lisandro Otero, Eliseo Alberto Diego, Jesús Díaz, Antonio Benitez Rojo, Norberto Fuentes, Abilio Estévez” (ESCALONA, 2006, p. 56).

un origen y aun cuando se mantiene contacto con este origen, el origen figura como perdido en el presente (WEIMER, 2008, p. 21).

Esta evocação produto de sua busca significa em Alberto o canal que liga as diferentes memórias, o nexó do mundo-escrita que o envolve e o define: o fator afetivo, o qual impulsiona a prática metafórica; o expressivo, com predomínio da melancolia; e a recriação dolente de Cuba, um dos ingredientes recorrentes entre o mundo real e fictício que nos permite uma melhor interpretação e aproximação a essa memória particular e coletiva.

A descrição dos dados memoriais da infância de Alberto nos transmite muitas anedotas que lembram e trazem histórias sugestivas, mas, em ocasiões difusas, já que o estado anímico de nosso presente, ocasionalmente, pode transformar, enaltecer ou adulterar os acontecimentos vividos, segundo o olhar emocional atual de muitos daqueles fatos passados. A infância e a juventude pertencem ao imaginário dos anelos, às vezes restaurado a partir de um estado de forçado êxtase que desenha os primeiros anos de vida.

É preciso, nesse ponto, destacar que Halbwachs diferencia a memória individual, coletiva e histórica, mas, sobretudo, a história familiar, a qual, em geral, tende a intensificar as imagens passadas ao realizar construções memoriais sob o peso da afetividade. A distância e a carga subjetiva que a excisão física-geográfica e afetiva alberga interpelam ambas memórias, a histórica e a familiar, o que pode trazer leituras diferenciadas que acompanham lembranças particulares. Nesse sentido, [...] a história familiar, é transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar (LINS DE BARROS, 1989, p. 32).

Pelo aparecimento de alterações do espaço real, quando tentamos resgatar imagens de uma memória afetiva mediante a evocação, “la idea de una familia y, para ser un resumen de reflexiones y de sentimientos

colectivos, ella logra proyectar sobre la pantalla de un pasado oscurecido y borroso una imagen singularmente viva” (HALBWACHS, 2004, p. 183)<sup>17</sup>.

Os laços afetivos que conformam o objeto central de nosso estudo encontram-se continuamente interligados com um apontamento muito pessoal da história e da literatura, que funcionam como um instrumento memorial absoluto, oferecendo, nesse sentido, uma simbiose presente na narração mais elaborada de Eliseo Alberto. Essa memória como princípio afetivo é descrita por Vitier do seguinte modo:

La memoria entonces actúa como principio germinativo, es decir, mediador; la memoria es lo nupcial del hombre cuando éste descubre que posee un centro dinámico capaz de penetrar otros centros, otros éxtasis, pero también descubre que lo rodea y constituye como exigencia una extensión indiferente, una sucesión universal por cuya boca será devorado sino encuentra la forma de proporcionar su crecimiento, de relacionarlo en una activa reducción amorosa (1998, p. 15)<sup>18</sup>.

Nessa busca de um meio enunciativo que nos ajude a alcançar um equilíbrio memorial sobre o que narramos ou aquilo que entendemos por lembrança, a translação de um episódio constitutivo ou basilar de nossa existência pode ser percebido como memória e/ou esquecimento, pois disfarçamos as imagens poéticas de possíveis significações discursivas, metafísicas e emocionais (VITIER, 1998, p. 35).

### **Lembrar e esquecer**

Além deste quebra-cabeça memorial, a abundância de elementos sentimentais e as fortes ligações familiares na concepção narrativa de Alberto

---

<sup>17</sup> “a ideia de uma família e, para ser um resumo de reflexões e de sentimentos coletivos, ela logra se projetar sobre a tela de um passado obscurecido e desfocado uma imagem singularmente viva” (tradução nossa).

<sup>18</sup> A memória então atua como um princípio germinativo, isto é, um mediador; A memória é o nupcial do homem quando ele descobre que possui um centro dinâmico capaz de penetrar outros centros, outros éxtases, mas também descobre que isso o rodeia e constitui como exigência uma extensão indiferente, uma sucessão universal por cuja boca ele será devorado se não encontra a maneira de proporcionar o seu crescimento, de relacioná-lo numa redução ativa do amor (tradução nossa).

produzem múltiplas intensidades, num vaivém emocional e/ou significativo, pois “Aunque la forma permanece fiel a una cierta deconstrucción, el retorno sobre uno mismo, la exposición de sus afectos, de sus recuerdos, la imagen de sus familiares revela hasta qué punto es espectacular el retorno de lo reprimido” (DOSSE, 2007, p. 308)<sup>19</sup>. Para o autor e jornalista, artesão metucioso do exercício da escrita, lembrar, finalmente, será uma forma de esquecer, num embate com a memória que lhe afasta dos pesadelos e que o adentra de forma irremediável no plano da subjetividade, já que, segundo diz Eliseo Alberto em *Informe contra mí mismo*,

[...] los recuerdos no son más que momentos que hemos olvidado olvidar, por puro olvido. La única historia posible, al menos leíble, es la historia de la historia. Mal dicho: su relato. Al narrar un suceso, la acción se ciñe a una gramática y a unas sintaxis imperfectas, limitadas por la voz de un sujeto también insuficiente. Los acontecimientos se sacrifican en el exorcismo de la escritura (ALBERTO, 2016, p. 315)<sup>20</sup>.

No romance examinado, as particularidades da escrita memorial trazem imagens muito vívidas do pai, da mãe e dos irmãos de Alberto. Além do mais, os múltiplos movimentos de sua experiência comum nos fazem questionar como o autor descreve um imaginário memorial para desenhar territórios reconhecíveis que nos transladam a realidades literário-afetivas, numa fusão dialógica intermitente com a literatura cubana atual. Voltando ao pensamento de Arfuch (2014), existe uma potência na relação memória/imagem, em que o narrador busca o sentido de sua vida por meio daquele com o qual se identifica. A escritura, portanto, significa e potencializa essas marcas ou vazios deixados pelo ser amado, o autor precisa, portanto,

---

<sup>19</sup> “Embora a forma permanece fiel a uma certa desconstrução, o retorno sobre um mesmo, a exposição de seus afetos, de suas lembranças, a imagem de seus familiares revela até que ponto é espetacular o retorno do reprimido” (tradução nossa).

<sup>20</sup> “[...] As memórias nada mais são do que momentos que esquecemos de esquecer, por puro esquecimento. A única história possível, pelo menos legível, é a história da história. Mal dito: sua história. Ao narrar um acontecimento, a ação adere a uma gramática e sintaxe imperfeitas, limitada pela voz de um sujeito também insuficiente. Os eventos são sacrificados no exorcismo da escrita” (tradução nossa).



[...] el involucramiento personal en la historia que se cuenta, el impacto emocional que eso supone, la narración como puesta en forma de la vida, la inquietud del pasado, la búsqueda de huellas, la necesidad de otros para armar la propia historia, el yo que se objetiva en un “otro yo” [...] una búsqueda que hasta podría decirse genealógica pero no tanto en el sentido de quienes fueron nuestros padres [...] sino más bien de quiénes son esos hijos, es decir, como se construye una identidad a partir de esa ausencia que supone también una gran violencia (ARFUCH, 2014, p. 77)<sup>21</sup>.

*La novela de mi padre* se apresenta como um enigma esquecido física e narrativamente, um assalto de um pedaço de memória convertido em oferenda, como aquele tesouro encontrado pelos filhos, que lhes obriga a indagar e a pesquisar “as cosas que olvidamos olvidar” (ALBERTO, 2016, p. 17)<sup>22</sup>. Alberto tenta transformar em folhas um presente imutável, que perdue para sempre dentro de um livro. E, ao final, nessa busca amorosa, observamos que o tema essencial é a aventura do cotidiano familiar que pretendemos recuperar (ALBERTO, 2016, p. 23).

### 3 Síntese afetivo-literária do romance

Quando começamos a narrar, em muitas ocasiões, acometemos essa viagem errática pelo final de nossa história para desaprender e, a o mesmo tempo, dar sentido ao princípio. O romance de Alberto começa desse modo, com um prólogo e com a descrição do descobrimento das notas perdidas do patriarca em uma gaveta e, logo nos dos primeiros capítulos, narra-se a morte, a terceira morte<sup>23</sup>, após dois anúncios ou tentativas falidas, segundo Alberto, (2016, p. 31-35) de Eliseo Diego, adorado pai e esposo, amadíssimo amigo e “un

---

<sup>21</sup> “[...] o envolvimento pessoal na história que se conta, o impacto emocional que isso acarreta, a narrativa como conformação da vida, a inquietação do passado, a busca de vestígios, a necessidade de outros montarem os seus história, o eu que se objetiva em um “outro eu” [...] uma busca que poderia até ser dita genealógica, mas não tanto no sentido de quem foram nossos pais [...] mas sim de quem são esses filhos, isto é, uma identidade se constrói a partir dessa ausência que também supõe uma grande violência” (tradução nossa).

<sup>22</sup> “as coisas que esquecemos esquecer” (tradução nossa).

<sup>23</sup> Eliseo Alberto relata no romance que o pai teve outros dois ameaças de morte não consumadas devido a sua fragilidade física e espiritual e pela sua adição à boa vida e ao tabaco (ALBERTO, 2017, p. 13-27).

rey de la cultura cubana” (ALBERTO, 2016, p. 41). A partir de então, as cartas dos namorados Bella García Marruz e Eliseo Diego intercalam e sublimam a escrita amorosa e a rememoração intermitente executada por Eliseo Alberto.

Os saltos narrativos e temporais no romance são abruptos, pois quando idealizamos os acontecimentos, as pessoas que idolatramos tendem a ser descritas seletivamente, na ordem caótica daquilo que sentimos ou necessitamos restaurar no presente. Da mesma maneira acontece nas breves e originais *Memorias y olvidos* (2006), de Cintio Vitier, as quais se articulam com muita picardia e com maior grau de verdade nos esquecimentos, mais do que nas recordações. Esta obra pode nos ajudar a discernir os elementos memoriais do entorno fundamental de Eliseo Alberto com uma perspectiva eminentemente humorística. Segundo Vitier: “Cuando se está perdiendo la memoria factual, como es mi caso, prefiere uno los saltos más o menos antológicos, y aquí el «más o menos» vuelve a ser utilísimo” (2006, p. 21)<sup>24</sup>.

Alberto, em continuação, fala e atua como um crítico e admirador de algumas obras emblemáticas de seu pai, como *En las oscuras manos del olvido*, *En la Calzada de Jesús del Monte* ou *Divertimentos*. Há espaço, também, para a confissão das fraquezas filiais. Explana-se, então, a alma dolente do poeta Diego e seus períodos de crise e depressão.

Sublinha-se a amizade de Alberto a um poeta maior da literatura, personificada no livro na sentida homenagem ao poeta José Lezama Lima, a quem Alberto declara: “su verdadera residencia fue ese castillo en el aire llamado la literatura y su audaz travesía, sin duda la imaginación [...] Lezama solo trasciende en Lezama: esa es su grandeza” (ALBERTO, 2017, p. 102-109)<sup>25</sup>.

Os eventos afetivo-literários acham um de seus pontos álgidos no romance quando Alberto relata como sua mãe, Bella Esther, era visitada pelos poetas mais eminentes de *Orígenes*, que esperavam pacientemente a leitura de seus textos. O “Lacrimómetro” de Bella era baseado no número de lágrimas derramadas por ela durante a leitura dos diferentes documentos literários,

---

<sup>24</sup> “Quando a memória factual está se perdendo, como é o meu caso, prefere-se saltos mais ou menos antológicos, e aqui o “mais ou menos” é novamente muito útil” (tradução nossa).

<sup>25</sup> “A sua verdadeira residência era aquele castelo no ar que se chama literatura e a sua viagem audaciosa, sem dúvida a imaginação [...] Lezama só transcende em Lezama: essa é a sua grandeza” (tradução nossa).

atuando como uma eficaz registradora de emoções “calculaba la calidad del texto en proporción directa al torrente de sus lágrimas” (ALBERTO, 2017, p. 121)<sup>26</sup>.

Por fim, pode-se dizer que a prova fundamental de afeto deste romance presentifica-se na enorme saudade plasmada no texto, que intercala algumas vivências como exemplos maiores de uma grande ausência, a do pai-poeta, Diego, tanto que, ao final do romance, Alberto diz: “Su vida se desmorona en medio de una rugiente avalancha de luz, se esfuma, si, se transparente, pero solo para reedificarse verso a verso en la monumental literatura que él, al huir ahogado, nos testó en herencia” (ALBERTO, 2017, p. 121)<sup>27</sup>.

### A modo de conclusão

Para finalizar, entendemos que o romance analisado pode ser considerado um texto tanto afetivo como devocional, no qual residem os segredos, os mistérios e as grandezas ocultas dos traços emocionais do universo cotidiano. Na obra não existe uma base ficcional ou narrativa expressa, contudo, sua escrita nos ajuda a deambular por um espaço de inespecificidade. E, tal como Garramuño assinala (2014, p. 16): “Essa aposta no inespecífico seria um modo de elaborar uma linguagem do comum que propiciasse modos diversos do não pertencimento”, num *entre lugar*, nos fios narrativos que desenham o que poderíamos nomear, no atual estudo, como *entre memórias* de *La novela de mi padre*.

Ao analisar alguns aspectos, descobrimos várias manobras narrativas surpreendentes, pois algumas passagens da obra oscilam entre a vida, as relações afetivas, o texto e a morte de dois autores que coabitam como protagonistas no último manuscrito publicado postumamente. O narrador, Eliseo Alberto, se auto reflete no objeto de seu arrebatamento afetivo nessa

---

<sup>26</sup> “Calculava a qualidade do texto em proporção direta à torrente de suas lágrimas” (tradução nossa).

<sup>27</sup> “A sua vida desmorona no meio de uma avalanche de luz ruidosa, se desvanece, sim, é transparente, mas apenas para se reconstruir versículo a versículo na literatura monumental que ele, ao se afogar, nos testemunhou em herança” (tradução nossa).

mesma história, em Eliseo Diego. Os dois caminham juntos num percurso interior que os afasta e os aproxima nessa narrativa memorial desconstruída. Como o poeta Diego revela: “Mi visión interior, mía de mi cuerpo y más de mi familia y mi hogar, no está hecha solo de intimidad. Una visión profunda hacia adentro sólo se alcanza si viene lejos desde fuera” (2010, p. 102)<sup>28</sup>. Já que esse texto foi arquitetado após as mortes dos dois poetas, essa distância, além de material, aproximou-nos de uma visão etérea e de uma prolongação fabulada da vida revisitada e revivida. Esse reduto do indeterminado, do que poderiam ter sido essas constelações narrativas foram resumidas por Diego:

El libro iba a ser una especie de memoria del intento de restaurar los vacíos o huecos abiertos por el olvido en la memoria, atestado de la lucha entre el sueño de la vigilia y el sueño de la tiniebla, un inventario del proceso de recreación de la realidad, la “novela” del hacer-una-novela. Siempre he distinguido entre lo que se sueña a la luz y lo que se sueña a la sombra: lo primero acrece la realidad; lo segundo la confunde y ensombrece<sup>29</sup> (DIEGO, 2010, p. 146).

Nessa resposta dada por Diego em uma entrevista, logicamente, desconhecia que *o-romance-que-não-foi* seria edificado ou reformulado no futuro com pedaços biografados de sonho e vida pelo seu filho. Suas memórias e as sombras de sua morte, em outro tempo e em outro lugar, no romance, no mesmo tempo e no mesmo lugar, configurariam esse processo de recriação concebido por seu primogênito. Finalmente, as luzes e as trevas do afeto transfiguraram sua poesia em prosa, no documento inacabado de sua vida, e ofereceram a fórmula ilusoriamente perfeita de elaborar esse desejado romance, de como *fazer-um-romance* para Diego, de como ser imaginado por Eliseo Alberto.

---

<sup>28</sup> “Minha visão interior, minha de meu corpo e mais de minha família e minha casa, não é feita apenas de intimidade. Uma visão profunda do interior só é alcançada se você vier de longe” (tradução nossa).

<sup>29</sup> “O livro deveria ser uma espécie de memória da tentativa de restaurar os vazios ou lacunas abertas pelo esquecimento na memória, lotado com a luta entre o sonho de acordar e o sonho de escuridão, um inventário do processo de recriação da realidade, o “romance” de fazer um romance. Sempre fiz uma distinção entre o que se sonha à luz e o que se sonha à sombra: o primeiro realça a realidade; o segundo a confunde e ofusca” (tradução nossa).

## Referências

- ALBERTO, Eliseo. *Informe contra mí mismo*, 2. ed. Barcelona: Alfaguara, 2016.
- ALBERTO, Eliseo. *La novela de mi padre: (mapa de las lenguas)*. Barcelona: Alfaguara, 2017.
- ALBERTO, Eliseo. “La novela de mi padre”. *Revista de la Universidad de México*, n. 24, 2006, p. 29-36.
- ALBERTO, Eliseo. “Prólogo: recuerdos de mi padre”. In: *Eliseo Diego*. DIEGO, E. Madrid: El País, 2009.
- ARCOS, J. L. “Prólogo”. In: *Antología poética*. Fina García Marruz. México, D.F.: Tierra Firme, 2002.
- ARFUCH, L. “(Autobiografía), memoria e historia”. *Clepsidra*. Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria. n. 1, marzo, 2014, p. 68-81.
- ARFUCH, L. “Narrativas en el país de la infancia”. *Alea*. vol. 18/3, set-dez. Rio de Janeiro, 2016. p. 544-560.
- ARFUCH, L. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- BENJAMIN, W. *A tarefa do tradutor*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- DE DIEGO, J. *El reino del abuelo*. Madrid: Verbum, 2012.
- DIEGO, E. *En las extrañas islas de la noche*. Entrevistas a Eliseo Diego. Ciudad de La Habana: Ediciones Unión, 2010.
- DOSSE, F. *El arte de la biografía: entre la historia y la ficción*. México D.F.: Universidad Iberoamericana A.C, 2007.
- ESCALONA, R. L. “El silencio de los carneros”. *Revista Hispano Cubana*, n. 25. Madrid, mayo-julio, 2006.
- GARRAMUÑO, F. *Frutos extraños: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Rocco L.T.D.A, 2014.
- HALBWACHS, M. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LINS DE BARROS, M. M. “Memória e família”. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.

LUDMER, J. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.

SAÍNZ, E. “Prólogo”. In: *Poética*. VITIER, C. Madrid: Edymion, 1998.

SODRE, M. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

VITIER, C. *Poética*. Madrid: Edymion, 1998.

VITIER, C. *Memorias y olvidos*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2006.

WEIMER, T. N. *La diáspora cubana en México: terceros espacios y miradas excéntricas*. New York: Peter Lang Publishing, 2008.

ZAMBRANO, M. *La confesión: género literario*, 3. ed. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.